

An aerial photograph of an archaeological excavation site. The ground is dark and sandy, with numerous light-colored, irregularly shaped stones and pebbles scattered across it. A grid of thin white lines is overlaid on the site, indicating the layout of the excavation. A long, thin wooden rod or measuring tool is visible in the upper right quadrant. The overall scene is brightly lit, casting soft shadows.

AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses
Volume 70

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

70

Ano de Edição

2020

Ano Associativo AAP

2018

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia da capa

Estrutura pétrea de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

ARTIGOS

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes

- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores
José Luís Neto

RELATÓRIOS

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

CONTEXTOS DE DESCOBERTA E DESAFIOS DO ESTUDO DOS SÍTIOS PRÉ-HISTÓRICOS DO APROVEITAMENTO HIDROELÉTRICO DE RIBEIRADIO-ERMIDA

Sérgio Gomes¹, Lurdes Oliveira², Cristina Gameiro³, Carmen Manzano⁴, Alicia Ameijenda⁵, Bárbara Costa⁶, Sérgio Monteiro-Rodrigues⁷, Alberto Gomes⁸, Thierry Aubry⁹, Henrique Matias¹⁰

¹ CEAACP – Universidade de Coimbra / sergio.gomes@uc.pt

² Arqueologia e Património Lda. / CEAACP – Universidade de Coimbra / lurdes.cunhaoliveira@gmail.com

³ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / gameiro.cristina@gmail.com

⁴ Arqueologia e Património Lda / cmanzano.molina@gmail.com

⁵ Arqueologia e Património Lda. / aameijenda.iglesias@gmail.com

⁶ Arqueologia e Património Lda / pcosta.barbara@gmail.com

⁷ CITCEM – Faculdade de Letras da Universidade do Porto / sergiomonteirod Rodrigues@gmail.com

⁸ CEGOT – Faculdade de Letras da Universidade do Porto / albgomes@gmail.com

⁹ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Fundação Cõa Parque / thierryaubry@arte-coa.pt

¹⁰ UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / hamatias@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende dar a conhecer o contexto de descoberta de três sítios pré-históricos identificados no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida: Rôdo, Vau e Bispeira 8; e apresentar, em traços gerais, a diacronia da sua ocupação. A área onde se localizam estes sítios correspondia, até 2014, a um vazio de pesquisa que condicionou o planeamento dos trabalhos de arqueologia preventiva, desafiando as equipas que se encontravam a executar os trabalhos, e a comunidade de arqueólogos em geral, a encontrar estratégias para ultrapassar tais constrangimentos. Deste esforço resultou um reforço do potencial patrimonial do vale do Vouga e um contributo para o conhecimento da sequência cronológico-cultural da pré-história regional.

Palavras-chave: Arqueologia preventiva, Comunidade de arqueólogo/as, Vale do Vouga, Pré-história.

Abstract

This article aims to discuss the conditions under which have been studied a group of three prehistoric sites located in the Middle Vouga river – Rôdo, Vau and Bispeira 8 – and present a brief synthesis regarding the diachrony of each site. These sites were identified during the final phase of the construction of the Ribeiradio-Ermida dam, a project located in a “deserted area” concerning prehistoric research. This absence of research has conditioned the planning of preventive archaeology, challenging the teams that were developing the archaeological work, and the community of archaeologists in general, to find strategies to overcome such constraints. From such efforts resulted an update of Vouga’s valley heritage and a contribution to the knowledge of the regional prehistoric chrono-cultural sequence.

Keywords: Preventive Archaeology, Archaeologists community, Vouga valley, Prehistory.

1. INTRODUÇÃO

Os trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural desenvolvidos no âmbito da construção do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida permitiram a identificação e escavação de três estações arqueológicas: Rôdo (CNS 34832 – Couto de Esteves, Sever do Vouga, Aveiro), Vau (CNS 36762) e Bispeira 8 (CNS 36766 – São João da Serra, Oliveira de Frades, Viseu). Estas três estações de ar livre, localizadas no Médio Vouga, testemunham a ocupação do território durante o Paleolítico Superior e a Pré-história Recente. A sua identificação constituiu uma novidade a uma escala regional, uma vez que não eram conhecidas estações paleolíticas nesta área do vale do Vouga. A par disto, a uma escala supra-regional, estes sítios encontram-se localizados entre duas das mais importantes áreas de estudo do Paleolítico em território português – a Estremadura e o Vale do Côa – inscrevendo-se, assim, enquanto estações que permitem alargar as possibilidades de compreender as estratégias de mobilidade das comunidades de caçadores-recolectores que habitaram o ocidente da Península Ibérica durante o Paleolítico Superior. Os contextos articuláveis com a Pré-história Recente são também relevantes porque, a nível local, contribuem para documentar as estratégias de ocupação do território associadas aos monumentos megalíticos e aos sítios de arte rupestre. Neste artigo, serão abordados dois tópicos relativos ao processo de intervenção e estudo destas três estações: será discutido o contexto em que foram identificadas as estações; e será apresentada uma síntese dos principais resultados dos estudos até agora desenvolvidos.

Relativamente ao processo em que foram identificadas, intervencionadas e têm vindo a ser estudadas estas estações, problematizaremos os limites e possibilidade de agirmos enquanto agentes sociais – com a especificidade de sermos arqueólogos – dando ênfase aos desafios em que tal condição nos coloca. Neste sentido, será apresentada uma breve síntese do modo como foi sendo desenvolvido o estudo da Pré-história entre os finais do século

XIX e durante o século XX no vale do Vouga. Com este exercício, pretende-se, fundamentalmente, contribuir para a compreensão de um “vazio de pesquisa” que se foi formando ao longo do tempo e que marcaria o contexto de descoberta destas estações. Com efeito, a falta de informação sobre a região acabaria por condicionar um programa de minimização de impactes no qual não estavam reunidas as condições para uma identificação atempada das estações, potenciando um conflito de interesses entre diferentes actores que conformam a cena arqueológica. Um conflito de interesses que perturba expectativas e práticas, mas que, enquanto tal, pode constituir-se como oportunidade para desafiar as espirais de exclusão e inclusão com que se pratica arqueologia. Um conflito de interesses que, fazendo mobilizar pessoas e recursos, tem de ser gerido no sentido de alargar as possibilidades com as quais desenvolvemos a pesquisa arqueológica e nos afirmamos enquanto comunidade.

2. A ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA NO VALE DO VOUGA: BREVE SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA

O vale do Vouga localiza-se nas Beiras, uma região que, na segunda metade do século XIX, viria a chamar a atenção da comunidade científica portuguesa por constituir um território que era necessário conhecer e integrar numa política de administração e gestão do território nacional. A expedição científica à Serra da Estrela, organizada pela Sociedade de Geografia, em 1881, é uma iniciativa que expressa este projeto político e social. Nesta expedição, que a Sociedade de Geografia equacionou enquanto um projeto pluridisciplinar e abrangente, o reconhecimento arqueológico ficou a cargo de Martins Sarmento, que viu neste desafio a possibilidade de expandir os seus trabalhos sobre a etnogénese do povo português, alargando a sua escala de análise a esta geografia mítica do imaginário português (Fabião 2011). Apesar do seu entusiasmo, Martins Sarmento (1990 [1883]) reconhece que

As investigações a que procedemos, e as informa-

ções que obtivemos dos práticos, autorizam-nos a estabelecer, até provas em contrário, que no coração da Serra da Estrela não há antiguidades a procurar. As preocupações literárias, que fariam crer o mais inacessível dos Hermínios habitado pelos nossos antepassados, os lusitanos, têm de desvanecer-se perante a realidade dos factos (ibid.: 4).

Na Serra da Estrela, Martins Sarmento não encontra o que estava à espera, porém, no seu percurso pelas Beiras não deixa de registar inúmeros exemplos de vestígios arqueológicos, que atestam o potencial da região. Um potencial que, anos antes, já havia sido mencionado por Pereira da Costa na sua obra *Noções sobre o estado prehistorico da Terra e do Homem seguidas da descripção de alguns dolmins ou antas de Portugal*, de 1868. Neste sentido, no relatório da expedição, Martins Sarmento alerta para a necessidade de se continuar o estudo, demonstrando a abundância de vestígios *entre outeiros e cabeços, planícies e vales...* renovando, assim, o interesse pela região. Este interesse e reconhecimento da importância das Beiras seria consolidado com as pesquisas de Leite de Vasconcellos. Esta figura central da história da arqueologia portuguesa desenvolveu incursões de exploração arqueológica em diferentes áreas de Portugal, tomando notas de carácter etnográfico e arqueológico, procedendo a escavações e recolhendo artefactos destinados ao Museu Etnológico Português (Fabião 2011). Foi neste âmbito que, durante a década de noventa do século XIX e as primeiras décadas do século XX, fez várias viagens e explorações com destino às Beiras (Vasconcellos 1898, 1904, 1905, 1912, 1913, por exemplo), contribuindo para o conhecimento da pré-história da região e suscitando também o interesse de investigadores locais. A este propósito, já na década de 1930, Alberto Souto (1938) escreveria:

As Talhadas e o Arestal são as serras mais próximas da Ria e do Baixo-Vouga, são as mais vouguenses das montanhas que separam a Beira Alta da Beira-Mar... Criei afeição a essas serras desde menino...

Os seus recessos e as suas particularidades foram para mim sempre uma sedução. Procurei-lhe os mistérios; desvendei-lhe alguns. A descoberta da sua arte rupestre e a publicação de elementos importantes e pouco conhecidos da sua geologia e da sua pré-história têm sido das melhores satisfações do meu espírito (ibid.: 5).

Durante a primeira metade do século XX, Alberto Souto viria a centrar-se no estudo do Médio e Baixo Vouga (Souto 1938, 1939, por exemplo), a par de Amorim Girão, que se centrou no estudo do Médio Vouga, e José Coelho, cujo trabalho se focou, fundamentalmente, no Alto Vouga. Os trabalhos de José Coelho (1912, 1921, 1925) e Amorim Girão (1921, 1921/22, 1923/24, 1925) centraram-se preferencialmente no estudo da Pré-história Recente, contribuindo para o conhecimento de diferentes espaços tumulares e de manifestações de arte rupestre. No caso de Alberto Souto, para além dos seus trabalhos no âmbito da Pré-história Recente, é de destacar a sua preocupação com a Pré-história Antiga. Com efeito, em 1939, publicou o artigo "A geologia do quaternário e o homem do vale do Cértima", no qual discute a importância da estação da Mealhada, que tinha sido mencionada por Carlos Ribeiro em 1879 no Congresso Internacional de Geologia em Paris. Esta estação foi escavada em 1879 e 1880 sob a orientação de Nery Delgado e, posteriormente, continuou a ser estudada por Joaquim Fontes que, procedendo ao estudo da coleção existente no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, recupera e analisa a documentação existente sobre as condições de jazida e os trabalhos realizados na estação. A recuperação destes dados levou Alberto Souto a investir o seu esforço no reconhecimento deste período cronológico na área do Baixo Vouga e, ao mesmo tempo, a considerar que tal esforço não é suficiente

por falta de meios financeiros e de coadjuvação técnica em perfurações, sondagens e escavações que se não fazem com exames superficiais e de boa vontade, mas com aparelhagem, pessoal, tempo e dinheiro (Souto 1939: 57).

Entre os anos 50 e 70 do século XX, os trabalhos no vale do Vouga são continuados por outros investigadores. F. Russel Cortês (1948) estuda a estação de Carvoeiro do Vouga, registando a ocorrência de materiais paleolíticos. Luís Albuquerque e Castro (1959, 1966; Castro, Ferreira e Viana 1957a, 1957b, 1959; por exemplo), Dom Domingos Pinho de Brandão (1957, 1963, p.e.) e Celso Tavares da Silva (1947, 1978, 1980, 1985, p.e.) continuam a estudar a região, apresentando novas estações que contribuem para a caracterização do fenómeno megalítico e da arte rupestre. Celso Tavares da Silva escava também o Castro de Baiões (Silva 1979) e, em articulação com Philine Kalb (1974/77, 1978, 1980, 1990/92, p.e.), chamaria a atenção para o potencial da região para o estudo da Idade do Bronze. Todo o trabalho destes investigadores seria desenvolvido após o 25 de abril de 1974, designadamente atra-

vés dos múltiplos projetos de diferentes docentes, estudantes e investigadores das Universidades de Coimbra, Lisboa, Porto e Minho. O desenvolvimento destes projetos contribuiria de forma decisiva para o conhecimento da Pré-história Recente do vale do Vouga, inserindo-a na escala mais ampla da região das Beiras. Porém, no que diz respeito ao estudo da Pré-história Antiga tal não aconteceu. Com efeito, há apenas a destacar o desenvolvimento de dois projetos: o projeto “Paleoecologia da Caça-Recolecção no Baixo Mondego”, dirigido por Helena Moura e com a participação de Maria João Neves, Miguel Almeida e Thierry Aubry; e um pré-projecto individual de doutoramento de João Pedro Cunha-Ribeiro (1999, 1992-1993, 1984) sobre o Paleolítico Inferior do Vale do Vouga, que acabaria por não ser desenvolvido por razões semelhantes às que Alberto Souto enumerou cinquenta anos antes.

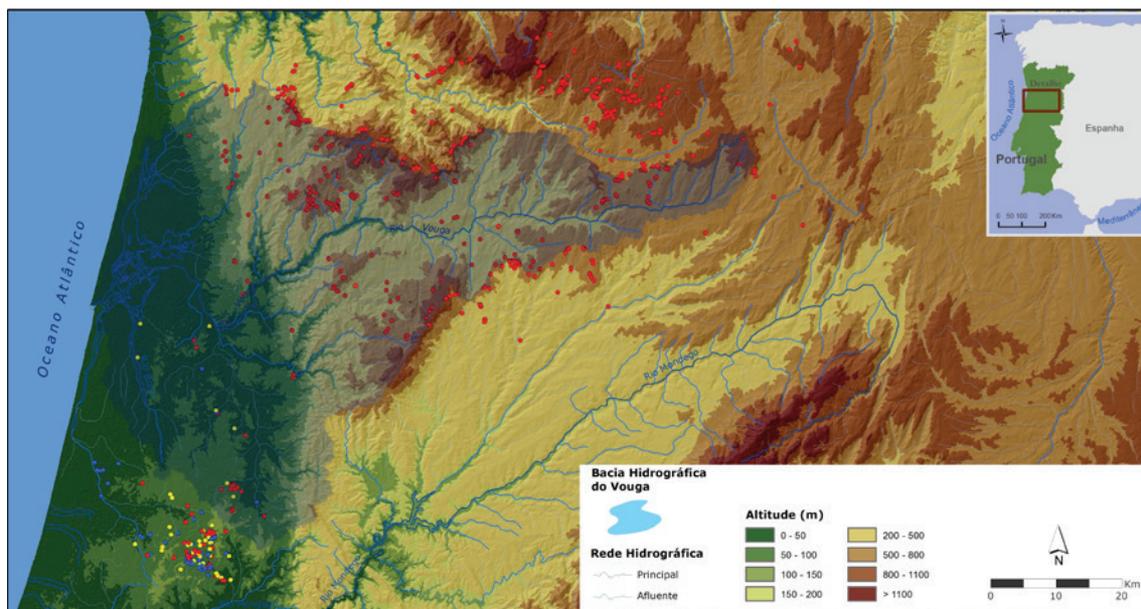


Figura 1 – Sítios pré-histórico do vale do Vouga. Mapa elaborado por Cláudia Manuel: Fonte: Mapa de localização da Península Ibérica – projecção WGS84 UTM Zona 29; Diva-GIS | Mapa principal: projecção WGS84 UTM Zona 29, MDT Aster 30 m, Rede Hidrográfica do Atlas do Ambiente, sítios arqueológicos com base na consulta do Endovélico Sistema de Informação e Gestão Arqueológica (DGPC). Legenda: Amarelo – Pré-história Antiga; Vermelho – Pré-história Recente; Azul – Pré-história Indeterminado.

Neste mapa (Figura 1) encontra-se representado o conjunto de sítios pré-históricos inventariados nos concelhos da bacia hidrográfica do Vale do Vouga, até 2014. Esta imagem é, de certo modo, repre-

sentativa do resultado dos trabalhos de pesquisa que acabamos de apresentar; é representativa das suas possibilidades e dos seus limites. Nas possibilidades, é de salientar a importância do estudo do

megalitismo e da arte rupestre, que permitiu cartografar as especificidades regionais desta tradição arquitetónica e artística da Pré-história Recente. Este estudo abriu a possibilidade de valorização dos monumentos e a sua inserção nas estratégias de desenvolvimento territorial. Porém, se é inegável a importância destes monumentos, o seu estudo acabaria por absorver quase todo o esforço dos arqueólogos que trabalharam na região. Desta tendência para fixar o estudo nestas construções acabaria por resultar um empobrecimento do conhecimento de estações de outra natureza e de outros períodos pré-históricos. Esta orientação da pesquisa acabaria também por criar uma assimetria ao nível local no que diz respeito ao conhecimento do potencial arqueológico. Com efeito, observando o mapa, é visível o vazio de informação que se instala na zona de vale; os pontos das estações arqueológicas concentram-se nas serras, ou seja, nos locais onde preferencialmente foram construídos os monumentos megalíticos. Desta forma, entre as possibilidades que se foram abrindo com os trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre os finais do século XIX e os inícios do XXI, foi-se gerando um vazio de pesquisa – um vazio de conhecimento – que constitui um dos limites da pesquisa; um limite da pesquisa especialmente relevante no que diz respeito ao papel que os arqueólogos podem ter em matérias de ordenamento territorial e políticas de desenvolvimento local.

Este vazio de pesquisa viria a ter consequências no modo como foram geridos os trabalhos de minimização de impacto patrimonial na execução do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Um vazio de pesquisa que a breve história dos trabalhos arqueológicos que acabamos de delinear nos ajuda a compreender, mas que não o justifica. Com efeito, este vazio de pesquisa, que é igual a tantos outros que existem no território, é fundamentalmente uma consequência das condições de subfinanciamento com que se desenvolve a investigação no âmbito das humanidades e das ciências sociais em Portugal. É um vazio que, não obstante as múltiplas explicações que podem ser

consideradas, está relacionado com o resultado do subfinanciamento do estudo do património arqueológico. Um vazio que é também uma consequência da orientação de uma política patrimonial cada vez mais centrada na rentabilização turística dos recursos em detrimento da investigação. Este vazio de pesquisa é, então, um vazio de investimento e um vazio de interesses. É um vazio que faz parte da cena arqueológica; um vazio onde tudo pode acontecer.

3. UM VAZIO DE PESQUISA, UMA BARRAGEM E VÁRIOS INTERESSES

Na avaliação patrimonial elaborada durante o Estudo de Impacte Ambiental foi proposto que, durante a execução do projeto, se procedesse ao acompanhamento arqueológico. Foi graças a esta medida de minimização que foi salvaguardada a presença da arqueologia em obra (Gameiro 2018; Gameiro e Dimuccio 2019). Neste caso, foi a equipa da empresa Omniknos que garantiu estes trabalhos, permitindo a identificação dos sítios do Rôdo (Pereiro 2014a) e do Vau (Pereiro 2014b) numa fase quase final da obra. Esta descoberta tardia dos sítios fez com que o tempo necessário para a escavação dos sítios criasse alguns desajustamentos na fase de conclusão do empreendimento. Face a esta situação houve um apoio por parte da comunidade dos arqueólogos para se proceder à sua escavação. Durante o verão de 2014, as várias notícias sobre o assunto tornaram públicos os achados¹ e serviram de pressão para garantir a execução dos trabalhos, numa fase em que a construção da barragem não permitia controlar a submersão das áreas onde se localizavam as estações. Esta pressão social, ou a amplificação das vozes na demonstração da relevância das estações arqueológicas, contribuiu para

¹ A este propósito, é de consultar, por exemplo:
<https://www.publico.pt/2014/08/11/local/noticia/barragem-de-ribeiradio-vai-alagar-vestigios-excepcionais-do-paleolitico-1665858?page=-1#/0>
<https://www.publico.pt/2014/08/26/local/noticia/arqueologos-acusam-edp-de-comprometer-registo-dos-achados-paleoliticos-em-sever-do-vouga-1667594>

a consolidação da negociação do processo entre a DGPC com a EDP. Uma negociação que resultou no reforço das equipas e na diversificação do tipo de trabalhos até então desenvolvidos. Com efeito, foram efetuados trabalhos de prospeção complementares, dos quais resultou a identificação da Bispeira 8 (Matias 2015), por exemplo. No mesmo quadro de reformulação das medidas de minimização inicialmente previstas, foi financiado um conjunto de análises necessárias à caracterização paleoambiental das estações (Oliveira & Tereso 2020 – este volume), o estudo das coleções artefactuais provenientes das escavações (ver Manzano *et al* 2020 e Gameiro *et al* 2020 – neste volume) e a publicação dos resultados obtidos. A par disto, a EDP comprometeu-se também a articular-se com as entidades locais no sentido de garantir que o espólio e os registos das escavações tivessem condições de reserva. Note-se que tudo isto foi feito no sentido de assegurar que a construção da barragem de Ribeiradio-Ermida cumprisse o seu propósito: o de contribuir para o desenvolvimento local e a valorização dos seus recursos, entre os quais se encontravam estes vestígios arqueológicos. Neste contexto, é preciso ver que a pressão por parte da comunidade de arqueólogos teve como objetivo contribuir para que a EDP desempenhasse o seu papel enquanto promotor de uma obra que visava o desenvolvimento socioeconómico do país. Houve, neste sentido, um conflito de interesses que era necessário para que o projeto de Ribeiradio-Ermida fosse cumprido em todas as suas valências.

Para alargar a compreensão deste conflito de interesses e o seu papel na prática arqueológica, proponho que o tentemos perspetivar a partir do modelo de desenvolvimento do projeto sociocultural da Modernidade esboçado por Boaventura Sousa Santos (1994). De acordo com este sociólogo, o mundo em que vivemos é o produto de um processo histórico iniciado durante a Época Moderna e desenvolvido, fundamentalmente, durante o século XIX, no qual as dinâmicas sociais, políticas, económicas e culturais confluem na emergência de diferentes “princípios” e “lógicas de racionalidade”,

cujas congregações conformam os pilares do projeto da modernidade: o pilar da regulação; e o pilar da emancipação (ibid.: 69-73). O pilar da regulação é constituído pelos princípios do Estado, do Mercado e da Comunidade. Estes três princípios têm como objetivo regular os conflitos que podem emergir entre diferentes indivíduos. O Estado, enquanto unidade que representa a congregação de indivíduos, atua, por exemplo, através dos poderes legislativo, executivo e judiciário. O Mercado, com as suas dinâmicas de competitividade, intensificação e interação, desenvolve diferentes relações e vai gerindo o interesse e o acesso a recursos. E a Comunidade, por sua vez, através de sentimentos de pertença e afinidade, acaba por atuar no sentido de gerir as relações individuais. A par destes princípios de regulação, durante a Modernidade configuram-se também três tipos de lógica de racionalidade que visam a emancipação dos indivíduos. Cada uma destas racionalidades encontra-se regionalizada em áreas de atuação: a racionalidade moral-prática privilegia um pensamento baseado na ética e no direito; a racionalidade estético-expressiva singulariza-se nas artes e nas literaturas; e, por fim, a racionalidade cognitivo-instrumental especializa-se na produção do conhecimento através da ciência e da técnica.

Na especificação destes domínios de atuação, as lógicas de racionalidade do pilar de emancipação tendem a estabelecer uma relação de preferência com os princípios do pilar de regulação (ibid.). A racionalidade moral prática liga-se ao Estado, articulando-se com a sua exclusividade em assuntos de direito para permitir a juridificação das diferentes atividades/experiências dos indivíduos; é desta articulação que se estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural. A racionalidade cognitivo-instrumental privilegia a sua relação com o princípio de Mercado, reforçando os binómios ciência/produção e conhecimento/aplicabilidade, animando as possibilidades de controle/transformação do mundo em função de interesses particulares de mercado(s); é nesta conjugação que a arqueologia, enquanto disciplina científica, se afirma no mercado através

das empresas de arqueologia, por exemplo. A racionalidade estético-expressivo encontra-se preferencialmente ligada ao princípio de Comunidade, permitindo que a exploração das expressividades individuais e coletivas seja uma estratégia de composição identitária, com a qual se institui fenômenos de contemplação coletiva que reforçam o elo social comunitário; a Associação dos Arqueólogos Portugueses é um exemplo deste modo como a arqueologia pode gerar uma comunidade com uma subjetividade/expressividade em comum e, a partir da qual, se organizam no sentido de defender os valores que a conformam.

Porém, como nos alerta Boaventura Sousa Santos, no processo de constituição da modernidade esta coordenação dos pilares e das lógicas de racionalidade possibilitou um desregulamento e hierarquia da importância e das áreas de atuação de cada uma delas. Ao longo do século XX, o princípio de Mercado ascende hegemonicamente ao topo desta hierarquia, acabando por condicionar o desenvolvimento das dinâmicas de regulação e de emancipação dos outros princípios e lógicas. É este peso do Mercado que explica as condições de subfinanciamento da pesquisa em ciências humanas e sociais e é este peso de mercado que condiciona a pesquisa arqueológica no sentido da sua rentabilização no mercado turístico, por exemplo.

No caso de Ribeiradio-Ermida houve um esforço para contrariar esta hierarquia. O princípio de Comunidade, e a lógica identitária que a acompanha, atuam no sentido de assegurar que o projeto fosse desenvolvido em todas as suas valências, designadamente no que diz respeito à integração dos recursos patrimoniais enquanto elementos que participam nas estratégias de desenvolvimento local. A comunidade arqueológica entrou em conflito com uma dinâmica hegemónica, fazendo uso de diferentes tipos de racionalidade: da racionalidade cognitivo-instrumental da ciência arqueológica para demonstrar a importância dos vestígios; da racionalidade moral-prática para se defender em termos jurídicos da necessidade das intervenções arqueológicas; e da racionalidade estético-expressiva, de-

monstrando que era possível transformar o conhecimento científico num património comum com o qual as comunidades poderiam refazer as suas dinâmicas identitárias.

Em Ribeiradio-Ermida, houve um esforço para refazer o rumo onde um vazio de pesquisa inicial nos tinha colocado. Um rumo, cuja delimitação foi feito com o apoio da comunidade. Um pilar que, expressando-se em nomes individuais e em nomes de associações, criou o conflito necessário de modo a reunir as condições para que o trabalho se desenvolvesse. Neste conflito, a pesquisa acabaria por beneficiar de uma “racionalidade do diálogo”. Uma racionalidade que, do vazio de pesquisa, foi abrindo possibilidades para cada um dos intervenientes; e foi alargando as possibilidades dos acontecimentos num vazio que, gradualmente, se transforma num outro espaço. É neste “espaço ainda vazio” que se encontraram as equipas que desenvolveram os trabalhos de campo e a equipa que se estava a formar em torno do projecto Paleorescue; uma equipa que se queria constituída em função da heterogeneidade que compõe a comunidade arqueológica e, com essa heterogeneidade, trabalhar no sentido de reconfigurar outros tantos vazios que se formam numa comunidade que tem necessariamente de se ir ajustando face aos desafios que se vão impondo à prática arqueológica (Gameiro 2018; Gameiro e Dimuccio 2019).

O Paleorescue é um projecto que procura a criação de sinergias e o reforço de competências de arqueólogos a trabalhar em contextos de arqueologia preventiva. No âmbito dos seus objetivos, é de salientar a criação de um modelo preditivo, visando contrariar vazios de pesquisa e a identificação mais célere de estações arqueológicas. Simultaneamente, procura promover o estudo e a complementaridade de análises de sítios previamente intervencionados, como é o caso das estações de Ribeiradio-Ermida, que serão brevemente apresentadas no próximo ponto. Deve também ser salientado que a avaliação positiva, por parte de um júri internacional, e a atribuição de financiamento, num concurso competitivo, expressam o reconhecimento

to da pertinência da cooperação que subjaz à sua dinâmica e objetivos gerais. Ou seja, é o reconhecimento da necessidade de se desenvolver uma prática de articulação de diferentes interesses, e dos conflitos que lhes são inerentes, no sentido da promoção da coesão da comunidade de arqueólogos.

4. RÔDO, VAU E BISPEIRA 8: BREVE APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

O Rôdo, o Vau e a Bispeira 8 localizam-se na metade direita da bacia hidrográfica do rio Vouga (Figuras 2a e 2b). O Rôdo corresponde a uma superfície globalmente aplanada, inclinada no sentido do leito

atual do rio (Figura 3). O Vau, por sua vez, localiza-se na margem esquerda do vale do rio Teixeira, um dos afluentes do Vouga, num meandro onde se situa a praia fluvial que dá nome à estação (Figura 4). Nestes dois casos, as plataformas onde se localizam as estações foram formadas num processo de encaixe do rio, do qual resultaram níveis de terraço, sobre os quais se depositaram níveis de coluvião, onde se concentram os vestígios arqueológicos. No caso da Bispeira 8, a situação é diferente. É um sítio localizada a uma cota mais elevada, onde não foram identificados níveis de terraço, apenas um conjunto de depósitos de coluvião que cobrem o afloramento granítico (Figura 5).

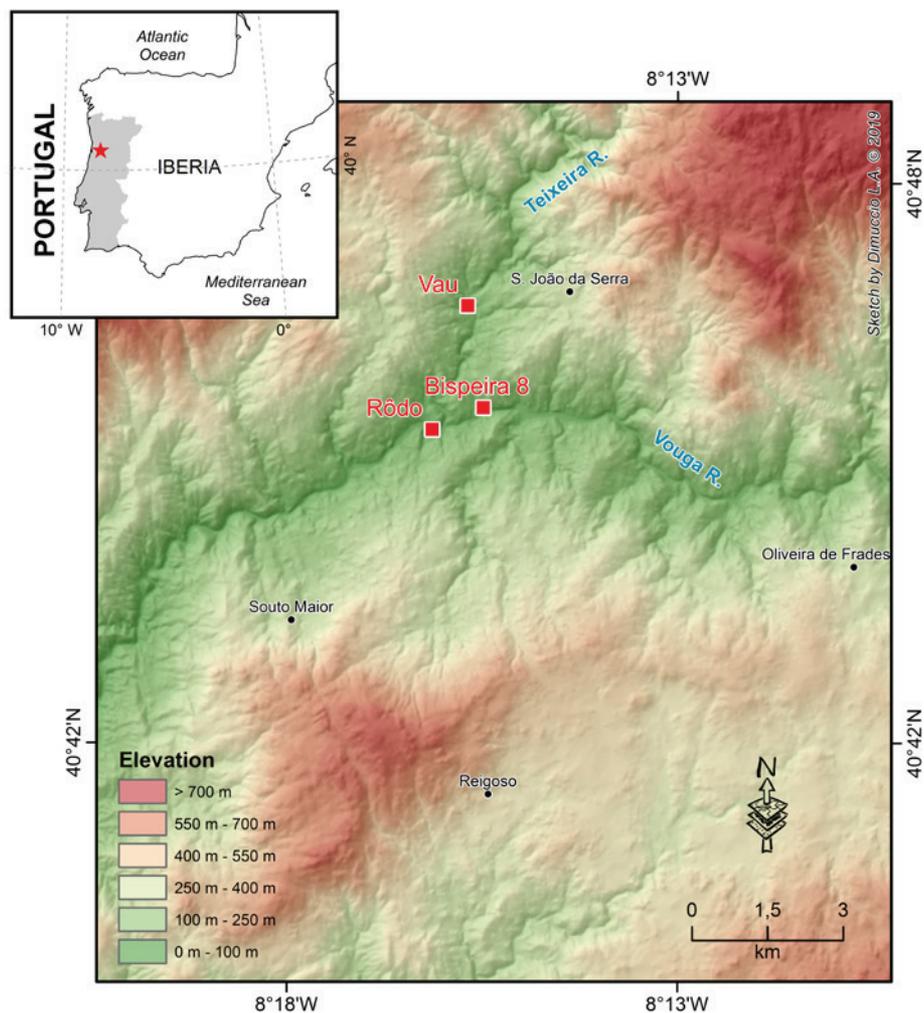


Figura 2a – Localização das estações: Rôdo, Bispeira 8 e Vau. Mapa elaborado por Luca Dimuccio (CEGOT – UC).

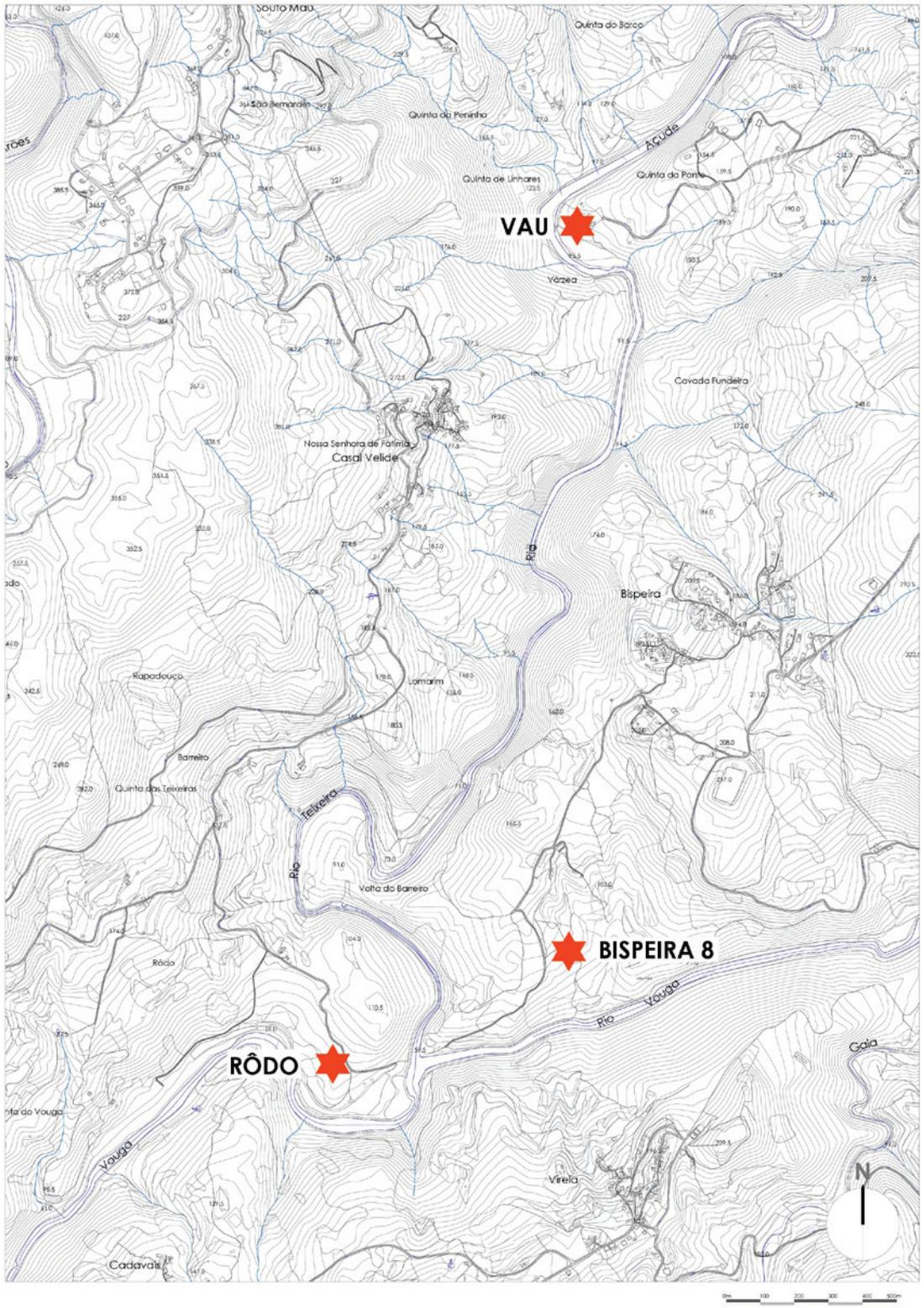


Figura 2b – Localização das estações: Rôdo, Bispeira 8 e Vau. Adaptado das CMP N.º 165 e 176 por Rui Oliveira (Arqueologia e Património Lda.).



Figura 3 – Rôdo: vista geral da área de intervenção (o nível da água do rio está já alterado pela construção da barragem).



Figura 4 – Vau: vista geral da área de intervenção.



Figura 5 – Bispeira 8: vista geral da área de intervenção (o nível da água do rio está já alterado pela construção da barragem).



Figura 6 – Rôdo: progressão dos trabalhos de escavação de uma estrutura pétreia.



Figura 7 – Rôdo: vista geral de uma área de concentração de aglomerados e alinhamentos pétreos, que podem corresponder a vestígios de estruturas muito perturbados.

Os trabalhos de escavação realizados no Rôdo (Pereiro 2014a; Ameijenda, Manzano e Gomes 2016), nos quais se procedeu à escavação em área e à realização de sanjas, permitiram a definição de uma superfície aplanada onde se localizavam vestígios de empedrados, alguns dos quais parecem corresponder a estruturas de combustão, que teriam sido usadas no âmbito de uma ocupação sazonal por comunidades pré-históricas (Figuras 6 e 7). A análise das indústrias líticas em associação com estes vestígios permitiu identificar conjuntos artefactuais que remetem para uma longa diacronia de ocupação da plataforma. Por um lado, existe um conjunto, onde se destaca a indústria lítica em sílex, com características enquadráveis no Magdalenense, com alguns elementos que permitem reconhecer uma continuidade da ocupação durante o Azilense (para mais informação, ver Gameiro et al 2020 – neste volume). Por outro lado, a presença residual de debitage laminar e de alguns fragmentos de cerâmica manual

sugere uma ocupação do espaço durante a Pré-história Recente. Note-se que estes últimos elementos não apresentam uma expressão estratigráfica nítida, sendo necessário desenvolver o estudo para tentar delimitar melhor a expressão espacial destes elementos e, assim, tentar delimitar o modo como se teria processado a ocupação desta plataforma.

No Vau, o estudo até agora desenvolvido permite-nos equacionar também diferentes momentos de ocupação (Pereiro 2014b; Ameijenda et al 2015). Os níveis mais recentes dizem respeito a uma estrutura pétreo de planta sub-circular (Figura 8, individualizada como Estrutura 3), à qual parece estar associado um conjunto de fragmentos cerâmicos, cujas características morfo-técnicas são articuláveis com a Idade do Bronze regional. Estes vestígios sobrepõem-se a uma superfície na qual foram identificadas seis pequenas estruturas em covacho. Apesar de ocorrerem ao mesmo nível altimétrico, as estruturas distribuem-se por dois depósitos distin-



Figura 8 – Vau: estrutura 3 em associação com fragmentos cerâmicos que remetem para a ocupação da plataforma durante a Pré-história Recente (Idade do Bronze).



Figura 9 – Vau: vista geral da UE 003, onde foram identificadas duas estruturas de combustão em covacho, cuja datação remete para ocupação da plataforma durante meados do 4.º Milénio AC.



Figura 10 – Vau: vista geral da UE 013 na qual foram identificados quatro aglomerados pétreos circunscritos a pequenos covachos, que teriam sido usados como estruturas de combustão). Uma das estruturas apresenta datações semelhantes às estruturas apresentadas na figura anterior, as outras três apresentam datações entre o 9.º e o 6.º Milénio AC.



Figura 11 – Vau: vista geral do topo do nível onde se concentram os vestígios de cronologia pleistocénica. É visível um conjunto de alinhamentos pétreos, que ocorrem em diferentes níveis do depósito, que podem corresponder a vestígios de estruturas.

tos, as UE's 003 e 013 (Figuras 9 e 10)². Na UE 003, foram identificadas duas estruturas (Estruturas 1 e 2) com covachos bem definidos e enchimentos constituídos por níveis de carvão associados a níveis pétreos; as datações absolutas realizadas nestes dois contextos remetem para meados do 4.º Milénio AC. Na UE 013, foram identificadas quatro estruturas: uma delas (Estrutura 4) apresenta características morfológicas e datações absolutas semelhantes às identificadas na UE 003; as outras três (Estruturas 5, 6 e 7) correspondem a aglomerados pétreos, envolvidos num depósito com muito carvão, que se encontravam circunscritos a covachos pouco pronunciados, cuja datação absoluta remete um intervalo de tempo compreendido entre o 9.º e o 6.º Milénio AC³. Por último, há também a destacar um depósito que embala um conjunto artefactual lítico, associado a níveis pétreos (Figura 11), que testemunham a ocupação do espaço durante o Paleolítico Superior, nomeadamente, durante o Magdalenense Final e o Gravettense (para mais informação ver Manzano *et al.* 2020 e Gameiro *et al.* 2020 – neste volume); em associação a este contexto estratigráfico foi também recolhida uma plaqueta de xisto gravada (para mais informação, ver Santos 2017).

² A relação estratigráfica entre estas duas UE's não era muito nítida. Com efeito, são depósitos que, em termos de matriz, são muito semelhantes, diferenciando-se por apresentarem cores distintas: o depósito UE 003, localizado no Sector Norte, é amarelo de tonalidade castanha e o depósito UE 013, localizado no Sector Sul, é castanho escuro. Durante a sua escavação, a interface entre estes depósitos era muito difusa não tendo sido possível definir uma relação de posterioridade/anterioridade entre eles.

³ Na avaliação destes contextos, que ocorrem no topo da sequência estratigráfica, deve ser considerada a complexidade dos processos de formação e alteração do registo a que foram sujeitos. Assim, se, por um lado, é de salientar a coerência morfológica e dos resultados das datações das Estruturas 1, 2 e 4, que remetem para a ocupação da plataforma nos meados do 4.º milénio, deve ser também considerado que a sua associação a um solo de ocupação não é evidente, dado que estes níveis iniciais se encontram profundamente alterados. No caso das estruturas 5, 6 e 7, estas limitações do registo arqueológico são ainda mais condicionantes na sistematização da sequência de ocupação pré-histórica da plataforma. Com efeito, refira-se que estas estruturas apresentam um carácter residual, cuja interpretação nos conduz a uma leitura dos resultados das datações como uma ida máxima e mínima para o seu abandono.

No âmbito do estudo da Bispeira 8 foi possível reconhecer duas realidades distintas (Matias 2015, Costa *et al.* 2015). Uma diz respeito a um conjunto artefactual, constituído por elementos líticos e cerâmicos, que se encontravam embalados num depósito de vertente que se estendia pela área intervencionada; é um conjunto de elementos que se encontra remobilizado, nos quais é possível reconhecer artefactos que remetem para a ocupação pré-histórica. Após a remoção deste depósito, foi identificado, ao nível do substrato rochoso, um conjunto de quatro estruturas em negativo: duas delas (Figura 12), as estruturas 1 e 2, apresentam um morfologia idêntica e um conjunto artefactual exclusivamente constituído por indústria lítica sobre seixo – a datação absoluta dos seus enchimentos remete para uma ocupação tardiglacial; as outras duas, as estruturas 3 e 4, apresentam morfologias distintas e, no seu enchimento, a componente artefactual era vestigial apresentando fragmentos cerâmicos e líticos; a sua datação absoluta remete para os finais do 4.º Milénio AC.

Os vestígios das ocupações do Paleolítico Superior destas estações contribuem para colmatar o “vazio de investigação” em que se encontrava o estudo deste período cronológico na região. Com efeito, até à data, os dados disponíveis eram provenientes de estações de uma zona mais litoral (Almeida *et al.* 2006; Aubry *et al.* 2011, p.e.). Note-se que estas estações se localizam entre duas das regiões mais importantes para o estudo desta cronologia, a Estremadura e o Vale do Côa, contribuindo para compreender a sua relação (veja-se Aubry *et al.* 2016, a propósito do aprovisionamento de matérias-primas). Simultaneamente, os vestígios da ocupação destes sítios durante a Pré-história Recente contribuem para o conhecimento da sequência cronológico-cultural da região (ver a síntese de Vilaça e Cunha-Ribeiro 2008; e também Bettencourt 2010; Cruz 2001; Santos 2008; Silva 2000; Vilaça 1995, 2009; Tereso *et al.* 2016, p.e.). Em termos locais, a pesquisa tem estado focada essencialmente no estudo do megalitismo (Carvalho 2013; Silva 1994, 1997a, p.e.), de contextos tumulares da



Figura 12 – Bispeira 8: vista aérea da área de intervenção. O rectângulo à direita corresponde à localização das estruturas 1 e 2; o rectângulo à esquerda diz respeito à localização das estruturas 3 e 4.

Idade do Bronze (Sá 2014, p.e.) da arte rupestre e arte megalítica (Alves 2003, 2013; Alves e Carvalho 2017; Santos et al 2010/11; Silva 1985; Silva 1997b, p.e.) e da metalurgia (Bottaini e Rodrigues 2011; Cruz et al. 2014, p.e.). Deste modo, estes sítios de ar livre e localizados em zonas de vale, contribuem para o conhecimento de outras estratégias de apropriação do território no processo de consolidação do sistema agro-pastoril.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos até agora realizados nestas estações contribuíram para o conhecimento do Paleolítico Superior do Vouga e também para o conhecimen-

to de outras estratégias de ocupação do espaço na região durante a Pré-história Recente, cujo estudo, como vimos, se encontrava polarizado, fundamentalmente, em torno do megalitismo e da arte rupestre. A propósito do valor patrimonial e identitário destas estações, refira-se que o Museu de Sever de Vouga integra no seu discurso a estação do Rôdo, sendo um espaço de mediação local para a consolidação do conhecimento sobre o Paleolítico. Regressando ao título do artigo, designadamente à expressão “contextos de descoberta e desafios do estudo” é de enfatizar a questão do papel do conflito e do princípio de comunidade, referido por Boaventura de Sousa Santos (1994) sobre o projeto sociocultural da modernidade em que vivemos. Com

efeito, conflito e comunidade podem ser entendidos como pilares de qualquer atividade de pesquisa por duas razões. A primeira é que não há pesquisa sem conflito, porque a investigação começa sempre num conflito com uma zona de desconhecimento que queremos transgredir; e o conflito permanece porque a transgressão leva a zonas de (des) conforto e arenas de confronto necessárias para que sejam reunidas as condições para se fazer investigação. A segunda razão é que não conseguimos fazer isto sozinhos, e daí a importância do princípio de comunidade e do papel que nela podemos ter ao promover uma transgressão. Nesta transgressão é necessário procurar além da linearidade das lógicas das racionalidades da modernidade e promover uma política de inclusão; de procura de alternativas e de reforço da própria comunidade.

AGRADECIMENTOS

A redação do artigo enquadra-se no âmbito do projeto O Paleolítico Superior e a Arqueologia Preventiva em Portugal: desafios e oportunidades (PTDC/HAR-ARQ/30779/2017), financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, IP.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Miguel; DIMUCCIO, Luca; AUBRY, Thierry; NEVES, Maria João; CUNHA, Lúcio (2006) – Enquadramento geomorfológico e crono-cultural do sítio arqueológico de Gândara do Outil 1. *Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos*, 3: 205-210.

ALVES, Lara Bacelar (2003) – *The Movement of Signs: Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (2 vols). Dissertação de Doutoramento (PhD). Universidade de Reading. Reading.

ALVES, Lara Bacelar (2013) – Arte rupestre no concelho de Sever do Vouga: A Arte, a Terra e o Tempo. In Eon, Indústrias Criativas, Lda. (coord.), *Genius Loci. O Espírito do Lugar*. Sever do Vouga, Câmara Municipal de Sever do Vouga: 77-101.

ALVES, Lara Bacelar, CARVALHO, Pedro Sobral (2017) – A arte megalítica da mamoa 1 do taco (Albergaria-a-Velha, Aveiro). Novos resultados. In J.M. Arnaud, A. Martins (eds.), *Arqueologia em*

Portugal 2017 – Estado da Questão. Lisboa, Associação de Arqueólogos Portugueses: 1021-1035.

AMEIJENDA, Alicia; GOMES, Sérgio; MANZANO, Carmen; OLIVEIRA, Lurdes (2015) – *Relatório Final. Aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Vau (ocorrência patrimonial n.º 214)*. Arqueologia & Património Lda.

AMEIJENDA, Alicia; MANZANO, Carmen; GOMES, Sérgio (2016) – *Relatório Final. Aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Rôdo (ocorrência patrimonial n.º 156)*. Arqueologia & Património Lda.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca; ALMEIDA, Miguel; NEVES, Maria João; ANGELUCCIE, Diego; CUNHA, Lúcio (2011) – Palaeoenvironmental forcing during the Middle – Upper Palaeolithic transition in central-western Portugal. *Quaternary Research*, 75 (1): 66-79.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLACH, Javier; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; & PEREIRO, Tiago (2016) – Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*, 3 (2). <https://doi.org/10.2218/jls.v3i2.1436>

BETTENCOURT, Ana M.S. (2010) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: una análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*, 67 (1): 139-173.

BOTTAINI, Carlo; RODRIGUES, Alexandre (2011) – O conjunto de metais de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra: caracterização química e reavaliação dos contextos. *Oppidum*, 5: 27-39.

BRANDÃO, Domingos Pinho (1957) – O fenómeno megalítico em terras de Arouca. *Defesa de Arouca*, n.º 102, de 4-5-1957.

BRANDÃO, Domingos Pinho (1963) – Achado da época do Bronze de Vila Cova de Perrinho – Vale de Cambra. *Lucerna. Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos*, 3: 114-118.

CARVALHO, Pedro Sobral (2013) – Pré-história. Os senhores das montanhas. In Eon, Indústrias Criativas, Lda. (coord.), *Genius Loci. O Espírito do Lugar*. Sever do Vouga, Câmara Municipal de Sever do Vouga: 42-65.

CASTRO, Luís Albuquerque (1966) – L'Art mégalithique au Portugal. In *Atti del VI Congresso Internazionale delle Scienze Preistoriche e Protostoriche: Sezioni V-VIII. Roma, 29 Agosto a 3 Setembro de 1962. International Union of Prehistoric and Proto-historic Sciences, G.C. Sansoni, Firenze*. 3º vol. pp. 370-374, est. CLXIV. Separata.

CASTRO, Luís Albuquerque (1959) – A arte megalítica e as escritas ideográficas. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional*

- de *Arqueologia*, 1.º vol., pp. 251-259. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- CASTRO, Luís Albuquerque; FERREIRA, Octávio Veiga (1959) – Protecção e conservação do dólmen pintado de Antelas. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, 1.º vol. 243-249. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- CASTRO, Luís Albuquerque; FERREIRA, Octávio Veiga; VIANA, Abel (1957b) – O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38: 325-346, XI est.
- CASTRO, Luís Albuquerque; FERREIRA, Octávio Veiga; VIANA, Abel (1957a) – Acerca dos Monumentos Dolménicos da Bacia do Vouga. In *Actas do 23.º Congresso luso-espanhol para o progresso das ciencias*. Coimbra; Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Separata do 8.º vol.
- COELHO, José (1912) – *A prèistória e o seu ensino: mamaltar do vale de farchas: I estudos prèistóricos*. Famalicão: Minerva.
- COELHO, José (1921) – *Policromia Megalítica: II estudos prèistóricos*. Viseu: Tipografia Popular. Viseu.
- COELHO, José (1925) – *A Necrópole do Paranho: III estudos prèistóricos*. Viseu: Tipografia Popular.
- COSTA, Bárbara; MANZANO, Carmen; OLIVEIRA, Lurdes, SANTO, Rui; GOMES, Sérgio, (2015) – *Relatório Final. Aproveitamento hidroeléctrico de Ribeiradio-Ermida. Intervenção Bispeira 8 (ocorrência patrimonial n.º 246)*. Arqueologia & Património Lda.
- COSTA, F. A. Pereira da (1868) – *Noções sobre o estado prehistorico da Terra e do Homem seguidas da descrição de alguns dolmins ou antas de Portugal*. Lisboa: Typografia da Academia.
- CRUZ, Carlos; BETTENCOURT, Ana M.S; COMENDADOR REY, Beatriz; RODRIGUES, Alexandre (2014) – Achados metálicos do Vouga e do baixo-Mondego (Centro de Portugal): contributos para a sua contextualização e interpretação. In: A. Bettencourt, B. Comendador Rey, H. Sampaio e E. Sá (eds), *Corpos e metais na fachada Atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. Braga, APEQ: 147-159.
- CRUZ, DOMINGOS (2001) – *O Alto Paiva: megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-História recente*. Dissertação de Doutoramento. FLUC. Coimbra.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1984) – *Levantamento das formações quaternárias da bacia inferior do Vouga com interesse arqueológico*. Relatório policopiado enviado ao Instituto Português do Património Cultural (I.P.P.C.), Porto, p. 15.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1992-1993) – Contribuição para o estudo do Paleolítico do vale do rio Lis no seu contexto crono-estratigráfico. *Portugália*, Nova Série, 13-14: 7-137.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1999) – *O Acheulense no Centro de Portugal: o vale do Lis. Contribuição para uma abordagem tecno-tipológica das suas indústrias líticas e problemática do seu contexto cronoestratigráfico*. Dissertação de Doutoramento apresentada à FLUL.
- FABIÃO, Carlos (2011) – *Uma história da arqueologia portuguesa*. Lisboa: Edições CTT.
- GAMEIRO, Cristina (2018) – Upper Paleolithic and preventive Archaeology in Portugal: challenges and opportunities. *Raport*, 13 (Preventive Archeology in Europe: Current Problems) 203-207.
- GAMEIRO, C.; MANZANO, C.; COSTA, B.; AMEIJENDA; A.; GOMES, S.; MONTEIRO-RODRIGUES, S.; GOMES, A.; AUBRY, T.; MATIAS, H. (2020) – Contributos para a caracterização do período tardiglaciar no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp: 149-171.
- GAMEIRO, Cristina; DIMUCCIO, Luca (2019) – O Paleolítico Superior e a Arqueologia Preventiva em Portugal: desafios e oportunidades, *Al-madan online*, 22 (tomo 3): 55-60.
- GIRÃO, A. Amorim (1921) – *Antiguidades pré-históricas de Lafões: contribuição para o estudo da arqueologia de Portugal. Memórias e Notícias N.º 2*. Coimbra: Museu mineralógico e geológico da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GIRÃO, A. Amorim (1921/1922) – Monumentos préhistóricos do Concelho de Viseu. *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 25: 183-189.
- GIRÃO, A. Amorim (1923/1924) – Monumentos préhistóricos do Concelho de Viseu. (Cont). *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 26: 282-288.
- GIRÃO, A. Amorim (1925) – *Arte rupestre em Portugal: (Beira Alta)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- KALB, Philine (1974-77) – Uma data de C. 14 para o Bronze Atlântico. *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 7-9: 141-144.
- KALB, Philine (1978) – Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977 auf einer Hobensiedlung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 19: 112-138.
- KALB, Philine (1980a) – Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania*, 58: 25-59.

- KALB, Philine (1990-1992) – As xorcas de ouro do Castro Senhora da Guia, Baiões. *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, 8-10: 259-276.
- MANZANO, C.; GAMEIRO, C.; GOMES, S.; COSTA, B.; AMEIJENDA, A.; MONTEIRO-RODRIGUES, S.; GOMES, A.; Aubry, T.; Matias, H. (2020) – A indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp: 117-133.
- MATIAS, Henrique (2015) – Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 246 – Bispeira 8. Omnisknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.
- OLIVEIRA, Cláudia; TERESO, João (2020) – Dinâmicas de vegetação no final do pleistocénico e início do holocénico no atual território português, *Arqueologia & História – Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. 70, Ano associativo 2018, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, pp: 135-148.
- PEREIRO, Tiago (2014a) – *Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 156 – Rôdo*. Omnisknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.
- PEREIRO, Tiago (2014b). *Relatório Final. Diagnóstico Arqueológico no sítio N.º 214 – Vau*. Omnisknos – Arqueologia, Valorização do Património e da Cultura, Lda.
- RUSSEL CORTEZ, F. (1946) – A indústria paleolítica de Carvoeiro do Vouga. Subsídios para o estudo das formações post-pleiocénicas do Vouga. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 11 (3-4): 357-359.
- SÁ, Edite (2014) – *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal)*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. Braga.
- SANTOS, A. T. (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Universidade do Porto [Tese de Doutoramento policopiada].
- SANTOS, André T. (2008) – *Uma abordagem hermenêutica-fenomenológica à arte rupestre da Beira Alta: o caso do Fial (Tondela, Viseu)*. Estudos Pré-históricos, 13. Viseu: CEPBA.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1994) – O Social e o Político na transição pós-moderna. In Boaventura Sousa Santos (autor), *Pela mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 69-101.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1994) – O Social e o Político na transição pós-moderna. In Boaventura Sousa Santos (autor), *Pela mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 69-101.
- SANTOS, Filipe; PERPÉTUO, João; SANTOS, André; GOMES, Luís Filipe Coutinho (2010/11) – O Dólmen 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro): um monumento com iconografias. Resultados dos trabalhos de escavação e restauro. *Portugália*, XXXI-XXXII: 5-41.
- SARMENTO, F. M. (1883) – Expedição científica à Serra da Estrela em 1881 – Relatório da Secção de Arqueologia. In F. M. Sarmiento (autor), *Dispersos*, pp. 129-152. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa – Imprensa Nacional.
- SILVA, Celso Tavares (1947) – Vestígios pré-históricos de Beiteiros. I: A Laja das Cocas. *Beira Alta*, 6: 291-230.
- SILVA, Celso Tavares (1978) – Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, pp. 167-196. Lisboa: AAP.
- SILVA, Celso Tavares (1979) – O castro de Baiões (S. Pedro do Sul). *Beira Alta*, 38 (3): 509-531.
- SILVA, Celso Tavares (1980) – As gravuras rupestres da Lufinha – Dois motivos labirínticos na região de Viseu. In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 2.º vol., pp. 155-169. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- SILVA, Celso Tavares (1985) – A arte rupestre da região do Vouga e a problemática da sua cronologia. In *Conferência Internacional Os Portugueses e o Mundo. Porto, 4 a 7 de Junho de 1985*, 6.º vol., pp. 179-197. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- SILVA, Fernando A. P. (1994) – Túmulos do Centro-Norte Litoral. Prolegómenos a uma periodização. *Trabalhos de Arqueologia da EAM [Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego]*, 2: 9-33.
- SILVA, Fernando A. P. (1997a) – Problemática em torno do megalitismo do Centro-Norte Litoral de Portugal. In: A. Rodríguez Casal (ed.), *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as orixes do Megalitismo. Santiago de Compostela, 1 a 6 de abril de 1996*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela: 635-656.
- SILVA, Fernando A. P. (1997b) – A Arte Megalítica da bacia do Médio e Baixo Vouga. *Brigantium. Actas do III Colóquio Internacional de Arte Megalítico – A Coruña*, 10: 123-148.
- SILVA, Fernando A.P. (2000) – A estação Epipaleolítica-Mesolítica do Cabeço Branco (Portinho, Oiã, Oliveira do Bairro, Aveiro)”. *Arqueologia*, 25: 79-88.
- SOUTO, Alberto (1938) – Arqueologia pré-histórica do distrito de Aveiro. *Arte Rupestre. As insculpturas do arestal e o problema das combinações circulares e espiraloides do noroeste peninsular*. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 16, pp. 5-19.

SOUTO, Alberto (1939) – A geologia do quaternário e o homem do vale do Cértima. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 17, pp. 49-58.

TERESO, João Pedro; BETTENCOURT, Ana M.S; RAMIL-REGO, Pablo; TEIRA-BRIÓN, Andrés; LÓPEZ-DÓRIGA, Inés; LIMA, António; ALMEIDA, Rubim (2016) – Agriculture in NW Iberia during the Bronze Age: A review of archaeobotanical data. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 10: 44-58 DOI: 10.1016/j.jasrep.2016.07.011

VASCONCELLOS, José Leite (1898) – Dolmen de Espírito-Santo d’Arca (Beira-Alta). *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 4: 338-339.

VASCONCELLOS, José Leite (1904) – Archeologia prehistorica da Beira: I – Dolmen da Cunha-Baixa). *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 9: 303-308.

VASCONCELLOS, José Leite (1905) – Antiguidades prehistoricas da Beira: III – Orca da Carvalhinha: IV – Notícia de duas orcas. *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 10: 312-313.

VASCONCELLOS, José Leite (1912) – Mâmoas de Albergaria a Velha. *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 17: 71-73.

VASCONCELLOS, José Leite (1913) – Antiguidades prehistoricas da Beira: V – Orca dos Palheiros: VI – Orca da Fonte do Alcaide: VII – Orca de Gandufe VIII – Orca de Alcafache: IX – Val d’Anta. *O Arqueólogo Português*, 1.ª série, 18: 77-81.

VILAÇA, Raquel (1995) – *Aspetos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia. N.º 9. Lisboa: Instituto Português de do Património Arquitetónico e Arqueológico.

VILAÇA, Raquel (2009) – *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage.

VILAÇA, Raquel; CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (2007) – *Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral / From the earliest human occupations to the Romans’ arrival to the Beira Litoral*. Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 4, Arkeos – Perspectivas em diálogo 23 (edição português/inglês). Tomar: Arkeos.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2020

www.arqueologos.pt